

[CLARICE BORIAN]

Estudou Antropologia e Administração de Empresas. Criou e trabalhou na Brazoo (confeção de roupas femininas) por 15 anos, onde desenvolvia e aplicava técnicas manuais, narrativas fabulescas e o imaginário do povo brasileiro, além de implantar modelos diversificados de parcerias. Atualmente, é "palpiteira" e consultora em produtos, ideias e projetos que buscam uma identidade.

E-mail: clariceborian@gmail.com

“Ai, nem te conto!” Uma homenagem ao Rei

Fazia muito calor naquela tarde, nem parecia que era setembro em São Paulo. Naquele dia em especial, a temperatura tinha subido para além do que anunciava a meteorologia. Muita coisa necessitava ser feita, pensada, planejada e resolvida.

Eu almoçava e pensava... Com mais uma loja, será necessário encontrar logo um bom modelista, alguém que possa ajudar a criar e dar forma a mais uma linha de roupas, peças mais elaboradas para festas e celebrações. As clientes já vinham pedindo por isso. Nossa roupa era bacana, divertida e tinha uma clientela cativa. Mas as modelagens eram quase uns pijamas com que dava para ir ao cinema ou jantar na casa de amigos, mas estava longe de ser uma roupa dessas que estilista chique faz para festa fina. Então, encontrar um bom modelista fazia-se necessário, e, embora já tivéssemos anunciado por todo canto, ninguém com esse perfil tinha surgido.

Até São Francisco já tinha entrado na história, e apesar dele ser o padroeiro dos bichos, é a ele que sempre recorro nos momentos de sufoco. Penso que santo que ajuda animais deve ser de muita luz e poder, pois acho os animais muito especiais.

Subia a rua, absorta em meus pensamentos. Quando cheguei na empresa, dei de cara com um moço jovem, bonito, muito alto (1,90 m), com um cabelão black power e um sorriso largo no rosto mostrando seus dentes brancos e perfeitos, que faziam um belo contraste com sua pele negra. Tudo certo, não fosse ele estar usando uma saia longa até os pés rosa-chiclete. Olhei, meio espantada, mas fiquei feliz com sua criatividade e ousadia. Ele olhou para mim e disse que tinha vindo ver a vaga de modelista. Convidei Rei para uma conversa (era assim que Reinaldo gostava de ser chamado).

Conversamos, demos boas risadas. Ele me contou sobre sua paixão por moda noite e roupas para shows de casas noturnas. Naquele momento, ele queria ampliar seu repertório e trabalhar com roupas femininas para festas. Fiquei feliz com a possibilidade de ter Rei na nossa equipe. Combinamos que ele começaria na segunda-feira seguinte. Despedimo-nos; antes de ir embora, Rei pediu para conhecer a empresa. Fomos à produção, que ficava no andar superior. Conforme ia apresentando Rei para a equipe, sentia o espanto de todos com a saia rosa-chiclete que vestia aquele belo negro de 1,90 m. Eu, a essa altura, já tinha me acostumado; sempre acreditei que o mundo seria muito mais rico se cada pessoa fosse estimulada a ser quem de fato é, expressar e manifestar aquilo que é único e especial em si.

Diante de tudo isso, Rei era um grande achado, um tesouro que vinha se somar à nossa equipe, ao nosso trabalho.

Rei chegou no dia e hora combinados trajando, dessa vez, uma saia jeans até os pés e cheio de correntes amarradas nos bolsos e cintura; uma camisa rosa ajustada ao



corpo mostrando sua boa forma física e uma faixa listrada na cabeça. Um personagem desses que se vê muito raramente. Adorei!!!

Na hora do almoço, notei que ninguém convidou Rei para ir almoçar... Foram saindo discretamente. Percebi nessa hora que, por mais que falemos dos benefícios da diversidade, o julgamento e o medo do novo, do diferente, sempre aparecem.

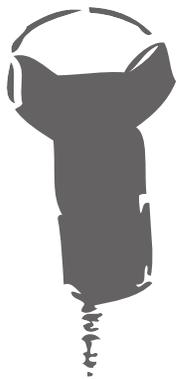
Rei nem percebeu, estava completamente envolvido com seu novo trabalho, cheio de ideias e vontade de fazer. Essa alegria e empolgação eram tudo de que precisávamos. Eu também estava feliz, afinal, não é todo dia que aparece alguém com vontade de se entregar ao trabalho e dar seu melhor. Então, convidei Rei para almoçar. E lá fomos nós.

[26]

Almoçar com Rei passou a ser o momento mais divertido do dia, ríamos muito. Ele era muito espirituoso e extrovertido, sempre tinha bons causos para contar. Nunca me esqueço do dia em que perguntei o que tinha acontecido com a testa dele, onde havia uma cicatriz que, apesar de muito antiga, ainda sinalizava um grave acidente. Com seu jeito nada discreto de ser, me falou bem alto e cheio de gestos: "Ai, nem te conto! Quando eu tinha sete anos de idade, brincando de ser mulher maravilha, me joguei do telhado".

Ri muito do seu jeito teatral, fiquei pensando na cena, na brincadeira e em quanto os pais de Rei tiveram que ser flexíveis e atenciosos com esse filho tão diferente. Falei que, um dia, gostaria de conhecê-los.

Um belo dia ele me avisa que tinha convidado os pais para virem almoçar conosco; o pai estava de férias e a mãe tinha tirado um dia de licença. Chegamos ao restaurante, e logo se aproximou um casal ainda jovem, Antonio e Dalva. Terminado o almoço, que foi uma delícia, não consegui disfarçar minha curiosidade e perguntei:



COM

PARAFUSO

A MENOS

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA

"Rei, você é filho adotivo?", e ele, "Não, não sou". Eu, ainda mais curiosa e com esse meu jeito de me meter na vida dos outros, perguntei: "Mas como pode um casal de estatura mediana e tão branquinho ter um filho negro e alto como você?" Rei solta uma de suas deliciosas gargalhadas, aquele riso solto, desses de quem tem a alma lavada, e me diz, com seu jeito dramático e cheio de gestos: "Ai, nem te conto! Quando muito jovens, meus pais foram morar numa comunidade alternativa na Bahia onde sexo era livre, e minha mãe engravidou de alguém da comunidade".

Nessa hora, pensei: santo Deus esse cara surgiu na minha vida para quebrar todos os meus paradigmas e crenças. Como essas pessoas são livres! Fiquei pensando com meus botões: como eles conseguem viver nesse mundo tão preconceituoso e cheio de certo e errado? De não pode isso nem aquilo, de normas e leis da época em que as galinhas tinham dentes, como dizia minha avó. Como deve ter sido nas reuniões de escola? Até hoje fico pensando em quanto Rei me ensinou e em quanto nos divertimos.

[27]

O tempo passou, Rei tornou-se um querido amigo e parceiro de trabalho de todos da empresa, amigo de muitas risadas e histórias. Sua coleção de roupa ficou tão excêntrica quanto ele, e, por mais que ele tenha se esforçado, as peças ficaram todas com cara de figurino de show. Nossas clientes, que eram umas queridas, mas não tiveram a oportunidade de conviver com Rei e conhecê-lo, não assimilariam e não entenderiam aquela roupa, tampouco teriam coragem e ousadia para vesti-la.

Rei entendeu que sua vocação era, de fato, trabalhar com roupas para show e figurinos, e, sendo assim, criou sua própria marca voltada para a noite do Baixo Augusta, onde estão as boates mais agitadas de São Paulo e a noite é uma festa sem hora para acabar.

Ele seguiu, então, carreira solo, deixando-nos com muitas saudades.

E eis que um dia, andando pelo Brás em busca de uns tecidos, esbarro com Rei. Foi uma festa, nos abraçamos muito; perguntei como vai a vida – e ele, com seu jeito espalhafatoso: "Ai, nem te conto! Como encontrar costureira anda muito difícil, tenho vindo nos bailinhos dos bolivianos aos sábados à noite no bairro do Pari".

Até hoje fico me perguntando por que não me convidei para ir junto a um desses bailinhos, conhecer os bolivianos que ali vivem e saber como fazem para se divertir, esse povo tão guerreiro e solidário que acaba vivendo exilado nesta cidade. Uma aventura dessas com Rei teria sido muito divertida, sem contar que seria uma chance de encontrar uma boa costureira disponível... Coisa tão rara nos dias de hoje que nem com promessa a São Chico de salvar os animais da floresta Amazônica da insanidade humana!



Ilustrações utilizadas
em produtos da Brazoo.
Acervo: Clarice Borian.

SAINDO DA TOCA